

**RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO À MÃE  
E A COGNIÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**

**Cláudia Rute Ferreira Pinto**

**Nº 15278**

**Orientador: Professor Doutor Francisco Peixoto**

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de**

**Mestre em Psicologia**

**Especialidade em Psicologia Educacional**

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação  
do Professor Doutor Francisco Peixoto, apresentada no  
Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de

grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro.

### Resumo

O presente estudo aborda os efeitos da qualidade da relação de vinculação no modo como a criança constrói uma significação social.

Os participantes do estudo foram 50 díades mãe-criança. As crianças tinham idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, e as mães variavam entre os 20 e os 41 anos ( $M = 34,88$  anos e  $DP = 4,114$ ). O nível sócio-cultural das díades foi avaliado em função do grau de escolaridade das mães. Os instrumentos utilizados foram o *Attachment Behaviour Q-Set* (Waters, 1987) para analisar a qualidade da relação vinculação à mãe, e a *Bateria de Provas Sócio-Cognitivas* (Strayer, Gravel, Pagé e Biazutti, 1994) para analisar o pensamento social das crianças. Através da Análise Hierárquica de *Clusters*, e das representações maternas, identificaram-se dois grupos de crianças: grupo seguro e o grupo inseguro. Uma Análise de Variância mostrou a existência de diferenças significativas na Descentração Cognitiva - justificação e descentração afectiva global, observando-se valores mais baixos nas crianças mais novas. Através de uma correlação de Pearson, constatou-se que o critério score de segurança se encontrava significativamente correlacionado com a descentração cognitiva a nível global ( $R = 0,460$ ,  $p < 0,05$ ) e justificação ( $R = 0,433$ ,  $p < 0,05$ ). Em relação ao score de dependência ( $p > 0,05$ ), não se verificou qualquer correlação. A mesma correlação, revelou que a escala "Proximidade com a mãe" se encontrava correlacionada com a Compreensão Pró-Social ( $R = -0,288$ ,  $p < 0,042$ ).

Os resultados obtidos corroboram as investigações realizadas, realçando a forte influência das primeiras experiências sociais no desenvolvimento da cognição da criança, particularmente no modo como esta percebe e organiza o seu mundo social.

*Palavras-chave* : Vinculação, Cognição Social.

### Abstract

The current study deals with the effects of the quality of the attachment relationship in the way the children build up a social meaning. The participants in this study were fifty diads mother-child. The children's age ranged between four and five years old, while their mothers ranged between twenty and forty-one years old ( $M = 34,88$  years and  $SD = 4,114$ ). The social and cultural levels of the diads were evaluated in relation to the mothers' school level. *The Attachment Behaviour Q-Set* (Waters, 1987) was used in order to analyse the quality of the attachment relationship to the mother, and the *Social-Cognitive Proof set* (Stayer, Gravel, Pagé and Biazutti, 1994) was used in order to analyse the children's social thought. Through the hierarchical analysis of *Clusters*, and the maternal representations, two groups of children have been identified: the secure group and the insecure. One analysis of the variance has shown the existence of meaningful differences in the cognitive decentration - justification and the global effective decentration, with lower values in younger children. Through a correlation of Pearson, it is quite clear that the criterion score of security is significantly co-related with the cognitive decentration at a global level ( $R = 0,460$ ,  $p < 0,05$ ) and the justification ( $R = 0,433$ ,  $p < 0,05$ ). As far as the dependence score is concerned ( $p > 0,05$ ), no correlation has been found. The same correlation has shown that the scale "promixity to the mother" is correlated to the pro-social understanding ( $R = -0,288$ ,  $p < 0,042$ ). The results attained have corroborated the research carried out, emphasizing the strong influence of

the early social experiences in the development of cognition in children, particularly in the way they understand and organize his/her own social world.

Key words: attachment, social cognition

## 1. Introdução

As investigações realizadas na área da Psicologia do Desenvolvimento têm vindo a demonstrar uma predisposição inata do bebé para comunicar activamente com o meio circundante. O seu reportório afirma-se sobre uma matriz biológica, no entanto, são mecanismos de origem psico-social que possibilitam a manifestação das competências do bebé. São as características propiciadoras do ambiente em que a criança está inserida que promovem o desenvolvimento das suas capacidades sócio-cognitivas. Este processo evolutivo das aptidões da criança carece de uma participação activa no seio do grupo social para que se estimule o desenvolvimento de determinadas capacidades, tais como, a actividade representativa e a apropriação da linguagem, as quais potenciam o desenvolvimento da cognição social (Matta, 2001).

Tendo como referência os pressupostos teóricos desenvolvidos por Bowlby e Ainsworth, verifica-se que as primeiras interacções sociais que se estabelecem entre a mãe e a criança são fundamentais, na medida em que o comportamento de base segura, que se gera entre ambos, desempenha um importante papel para a formação social, cognitiva e emocional da criança, pois ao mesmo tempo que a protege de situações de perigo, é capaz de promover comportamentos exploratórios, potenciadores da aquisição de aprendizagens diversas (Bretherton, 1992). A partir destes contactos iniciais com a mãe ou prestador de cuidados, a criança constrói modelos internos de funcionamento que contêm

representações e expectativas para interações futuras, baseadas em experiências passadas (Bowlby, 1980). As representações da relação de vinculação são, assim, encaradas como o resultado das interações mãe-criança e são colocadas como hipótese para afectar o desenvolvimento futuro da criança, na medida em que estabelecem um curso para futuras interações e comportamentos interpessoais (Ranson & Urichuk, 2008).

As primeiras vivências ocorridas entre a criança e a figura vinculativa têm sido apontadas como a base construtiva para a compreensão, por parte da criança, da existência de uma mente no outro, com sentimentos e pensamentos diferentes dos seus, tendo em conta que a segurança afectiva desempenha um papel ímpar no desenvolvimento da compreensão social (Fonagy, Steele & Holder, 1997; Sroufe & Waters, 1977, cit. por Symons, 2004).

Contudo, de acordo com Thompson (1998), é imperativo que os teóricos do desenvolvimento vão para além do postulado geral de que os primeiros relacionamentos fornecem o alicerce para o desenvolvimento da personalidade social da criança, colocando a tónica numa abordagem mais específica acerca dos seus processos relacionais, bem como as actividades que se geram em contexto familiar. Estas diversas actividades, que a criança partilha com os que lhe são mais próximos, poderão potenciar o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, dependendo da forma como os pais interpretam e respondem aos sinais sócio-emocionais da criança. Assim, o historial das relações vinculativas pode conduzir à existência de diferenças individuais no desenvolvimento da cognição social da criança (Astington, 1993; Baldwin & Moses, 1996; Barresi & Moore, 1996, cit. por Symons & Clark, 2000).

Neste sentido, surge o trabalho de Vygotsky (1978), que considera que as capacidades cognitivas têm uma origem social. Ou seja, é através da participação activa da criança no discurso interpessoal, abordando pensamentos e emoções, quer de si própria, quer dos outros, que a criança se apercebe e vai assimilando esses mesmos estados

cognitivos e emocionais. Esta aprendizagem sócio-cognitiva potencia, assim, o desenvolvimento do discurso do estado mental, crucial para a compreensão do eu e do outro como agentes mentais distintos (Astington, 1999; Frawley, 1997, cit. por Symons, 2004). Na perspectiva do autor, as crianças compreendem o seu mundo social a partir das interações que estabelecem com parceiros sociais mais maduros e experientes, considerando-se esta actividade cooperativa como uma premissa indispensável para o crescimento mental individual (Schaffer, 1996).

De acordo com Meins (1997), é através das interações com os pais e com os pares, acerca dos estados mentais, que a criança desenvolve as representações de si própria e começa a conceber esses mesmos estados (Symons, 2004). As conversas espontâneas, que se produzem entre a criança e os pais, fornecem um contexto para a discussão sobre esses estados mentais, proporcionando à criança a oportunidade de aprender a falar sobre estados interiores e desenvolver um entendimento das razões subjacentes ao comportamento dos outros indivíduos (Schaffer, 1996).

Por conseguinte, tem sido sugerido a existência de uma ligação entre a relação de vinculação e o desenvolvimento sócio-cognitivo. Os investigadores têm centrado a sua pesquisa na relação entre a segurança afectiva e o modo como a criança, numa fase posterior, conceptualiza e raciocina acerca do seu mundo social (Symons, 2004).

Diversos estudos, conduzidos por alguns investigadores (Symons & Clark, 2000; Ontai & Thompson, 2002, cit. por Symons, 2004), permitiram concluir que, apesar da segurança afectiva se revelar um factor marcante para o desenvolvimento sócio-cognitivo, são as interações precocemente estabelecidas com comentários alusivos à vida mental, que constituem um marco de referência no desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança.

De igual modo, Meins, Fernyhough, Wainwright, Das Gupta, Fradley e Tuckey (2002) evidenciaram que a segurança na relação de vinculação não constitui um factor

determinante capaz de predizer a capacidade para ver o outro como um indivíduo com mente, no entanto, quando associada com comentários referentes aos estados mentais, esta relação já se manifesta. A segurança afectiva presente na relação de vinculação implica, deste modo, um tipo de linguagem mental que ao ser assimilada pela criança prediz a forma como esta se percepção a si própria e aos outros do ponto de vista social. Por esta razão, é importante salientar a qualidade do vínculo que se estabelece entre a figura vinculativa e a criança, uma vez que as investigações realizadas identificam uma relação de vinculação, atenta às necessidades da criança e sensível aos seus estados emocionais, como promissora do surgimento prematuro da compreensão do mundo social. Factores como a capacidade sensitiva dos pais e a segurança afectiva, transmitida na díade, são essenciais para a evolução do comportamento social da criança.

Com o intuito de explorar esta relação, alguns factores familiares foram alvo de interesse e análise por parte dos investigadores, pois consideraram que o ambiente familiar poderia ser propiciador da compreensão do *self* e do outro, enquanto agentes mentais distintos. No entanto, é importante ressaltar que os ambientes sociais da criança podem despoletar, mas não podem determinar o desenvolvimento da cognição social (Baron-Cohen, 2005; Leslie, Friedman & G erman, 2004, cit. por Fonagy, G ergely & Target, 2007). Estes factores dizem respeito à composição da família, estilos parentais, discurso utilizado pela família durante os momentos de brincadeira e o discurso adoptado pelos familiares durante o período de leitura conjunta (Symons, 2004).

Relativamente à composição da família, vários estudos efectuados demonstram que a existência de irmãos e famílias numerosas constituem um forte contributo para o desenvolvimento do comportamento social da criança (Jenkins & Astington, 1996; Lewis, Freeman, Kyriakidou, Maridaki – Kassotaki & Berridge, 1996; Peterson, 2000; Ruffman, Perner, Naito, Parkin & Clements, 1998, cit. por Symons, 2004). Considera-se que as dinâmicas que envolvem experiências específicas, estabelecidas entre irmãos, alertam para

o estado de espírito do outro e, como tal, promovem o desenvolvimento da visão interna dos estados mentais dos outros indivíduos (Perner, Ruffman & Leekam, 1994, cit. por Schaffer, 1996). Deste modo, estas relações interpessoais ocorridas entre a criança e parentes mais velhos fornecem um ensino informal acerca da mente. Jenkins e Astington (1996), afirmam que as crianças que têm irmãos mais velhos estão mais expostas às conversas no seio familiar sobre os estados cognitivos e emocionais das outras pessoas, comparativamente com as crianças que são filhos únicos ou têm irmãos mais novos. As interações em família promovem o processo de interiorização, por parte da criança, relativamente aos pensamentos, desejos e sentimentos dos outros indivíduos. Ou seja, quanto mais cedo estiver presente, no contexto familiar, o discurso acerca dos estados mentais e a utilização de determinados termos específicos, indicadores desses estados interiores, mais cedo a criança se familiariza com este tipo de discurso e se apropria do uso desta linguagem. Talvez a reflexão sobre as mentes dos outros indivíduos induza a criança a analisar o seu significado e a sua função, sensibilizando-a para a importância deste comportamento. Assim, o discurso dos familiares e a existência de irmãos fornecem uma excelente base para o desenvolvimento da compreensão das noções do eu e do outro. A aquisição desta capacidade, de pensar o outro, é fomentada pelo desejo dos pais de garantir que os seus filhos desenvolvam a sua capacidade empática, manifestando condutas altruístas. Assim, parece óbvio concordar que determinadas práticas parentais exercem uma forte influência na variedade de tendências pró-sociais expressadas pela criança no mundo social. Contudo, é importante referir que o desenvolvimento desta aptidão não depende somente dos agentes socializadores, como também das características da própria criança (Schaffer, 1996).

Os investigadores analisaram duas formas de fomentar o desenvolvimento da compreensão social, tendo em conta dois tipos de parentalidade. Os pais que se preocupam com as competências cognitivas dos seus filhos estão a promover o

desenvolvimento das suas capacidades mentais, o que se vai repercutir na emergência da cognição social. Tal comportamento atribui significado às vocalizações da criança numa idade ainda muito precoce e procura estimulá-la a reflectir sobre os seus próprios estados mentais, bem como os dos outros. Segundo Symons e Clark (2000), uma característica específica desta prática parental demonstra a aptidão destes pais em introduzir alterações no decurso de uma actividade tutorial, com o objectivo de ajustar as suas condutas às características da própria criança. Ao agir deste modo, demonstram uma notável competência sensitiva relativamente aos seus estados mentais, assim como, uma adequada capacidade de resposta aos sinais manifestados pela criança. Esta habilidade, estimulada apenas por algumas figuras vinculativas remete para uma perspectiva metacognitiva, na medida em que é necessário reflectir sobre as atitudes, intenções e motivações inerentes ao comportamento da criança. Outro estilo parental, referido pelos investigadores, consiste no modo como os pais disciplinam os seus filhos, podendo ou não recorrer ao entendimento dos seus estados mentais. Por exemplo, Vinden (1997), assim como, Hughes, Deater-Deckard e Cutting (1999), consideram que um estilo parental autoritário, baseado na imposição e no poder coercivo, pouco valoriza a discussão acerca dos sentimentos e pensamentos dos outros, não promovendo, desta forma, o estabelecimento de interacções produtivas, o que, conseqüentemente, vai comprometer o desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança (Symons, 2004).

As interacções que se geram em contexto familiar, quer sejam motivadas por conflitos familiares ou conversas informais que surgem durante momentos de brincadeira, são vistas como potenciadoras da consciencialização da criança, da existência de si própria e dos outros, enquanto representações mentais distintas. O discurso familiar, presente durante a brincadeira, pode despoletar o conhecimento do mundo social, se as mães demonstrarem a sua capacidade sensitiva para estimular e impulsionar as funções

intelectuais dos seus filhos, tendo em vista a sua evolução sócio-cognitiva (Meins et al., 2002).

Um tipo de interacção comum entre pais e filhos acontece durante um momento de leitura em parceria. No decurso dos processos interpessoais de leitura, determinadas díades tendem a efectuar elaborações acerca da história e das personagens que não estão presentes no texto original, o que vai influenciar o desenvolvimento da linguagem de estados mentais. A estimulação da mente da criança favorece o enriquecimento do seu léxico mental, na medida em que consegue coordenar os seus estados mentais com os das personagens, pela identificação e compreensão dos sentimentos, pensamentos e desejos vividos por estas (Symons, 2004). De igual modo, o discurso interior e o fingimento com os pares também se encontram estreitamente relacionados com a evolução dos processos cognitivos. As interacções lúdicas, como por exemplo, brincar ao faz-de-conta, elevam a formação da compreensão do *self* e do outro, pois a criança quando encarna personagens imaginárias relaciona inúmeras perspectivas, apropriando-se de diferentes discursos que caracterizam os estados mentais. A vantagem para as crianças que têm irmãos de uma idade que possam ser parceiros na fantasia e fingimento, sugere que a brincadeira, ou mais especificamente a brincadeira de fingimento, com a sua característica de suspensão de considerações externas, pode desempenhar um papel crucial na facilitação da mentalização. Segundo Fonagy, Gergely e Target, (2007), estes momentos lúdicos envolvem as representações mentais, assim como estruturas sintácticas relativamente complexas para estabelecer realidades alternativas (de Villiers, 2005). Participar no fingimento implica a partilha das perspectivas mentais da criança, conceptualizando variações na sua realidade, contrastando os acontecimentos verdadeiros uns nos outros e as representações simbólicas dos mesmos. Tudo isto promove o desenvolvimento da compreensão social, sendo considerado o contacto com outras crianças, para além da família nuclear, um factor por excelência para o entendimento da mente pela criança.

Como já foi referido anteriormente, alguns autores têm sugerido a existência de uma associação entre determinados traços específicos do contexto social primário e a precocidade na compreensão social por parte da criança. Uma relação de vinculação segura tem sido percebida como um dos factores sócio-interaccionais subjacentes ao desenvolvimento da cognição social. As crianças que apresentam uma vinculação segura têm uma figura vinculativa que se centra essencialmente, nas capacidades mentais da criança, atribuindo-lhe a capacidade de exercer um comportamento intencional, isto é, enfatizam os comportamentos cognitivos em detrimento dos comportamentos meramente físicos. Pelo facto destas mães incentivarem os seus filhos a exercitarem a sua mente, no sentido de estes perceberem os seus estados psicológicos e os demais, tornam-se tutoras mais sensíveis e participativas na elaboração conjunta de actividades de cariz cognitivo. Em contrapartida, as mães de crianças inseguramente vinculadas, não demonstram a mesma competência e eficácia (Ainsworth, Bell & Stayton, 1971, 1974, cit. por Meins et al., 2002).

A sensibilidade materna para reflectir sobre os estados mentais da criança verifica-se desde o primeiro ano de vida e altera-se à medida que a criança cresce. Assim, esta capacidade reveste-se de uma importância fulcral para a aquisição de um conhecimento que permita à criança realizar uma correcta leitura do mundo social, no qual está inserida. A frequente exposição da criança, desde tenra idade, a este tipo de linguagem, confere-lhe a oportunidade de integrar e relacionar o seu próprio comportamento com os comentários proferidos pela mãe, referentes aos estados mentais, tornando-se estes progressivamente mais evidentes para a criança. Deste modo, o contexto em que esses comentários são pronunciados permite estimular a capacidade dedutiva da criança que começa a atribuir significado ao seu próprio comportamento, o qual tem subjacente um estado mental. Neste sentido, desenvolve-se a consciencialização da criança no tocante aos seus estados psicológicos e aos dos outros e o modo como estes induzem o comportamento (Meins et al., 2002).

As mães adoptantes desta forma de agir demonstram uma preocupação em interpretar devidamente as condutas da criança e em comentar apropriadamente os seus estados mentais, tais como pensamentos, desejos, intenções e memórias, fornecendo-lhes continuamente um feedback verbal da compreensão do seu comportamento intencional. Por conseguinte, a *“maternal mind-mindedness”*, que remete para a preocupação inicial das mães em perceberem os seus filhos como indivíduos com mente, constitui um elemento que faz prever a qualidade da relação de vinculação. Esta capacidade observada em algumas mães determina o tipo de vinculação que se irá organizar posteriormente. A essência da parentalidade produz um efeito significativo no carácter da relação de vinculação e na mentalização, pois a inclinação das mães para elaborarem uma perspectiva psicológica acerca da criança, incluindo a *“maternal mind-mindedness”* e a função reflexiva na interacção com os filhos ou na descrição dos mesmos, está associada a uma vinculação e mentalização seguras (Fonagy & Target, 1997; Meins et al., 2003; Meins et al., 2002; Peterson & Slaughter, 2003; Sharp, Fonagy & Goodyer, 2006; Slade, 2005, cit. por Fonagy et al., 2007).

Laible e Thompson (1998) verificaram que as crianças vinculadas seguramente apresentam maior competência na compreensão da emoção negativa. Tolerar o afecto negativo pode ser uma característica partilhada de uma vinculação segura e um ambiente familiar facilitador da mentalização (Dunn & Brown, 2001, cit. por Fonagy et al., 2007). Esta capacidade reflexiva por parte de algumas figuras vinculativas encontra alguma consistência, se pensarmos, tal como identificou Van Ijzendoorn (1995), que o historial vincutivo seguro da mãe potencia a sua capacidade para explorar a sua própria mente, promovendo deste modo, uma atitude semelhante em relação ao estado mental de um novo ser humano que acabou de se juntar ao seu mundo social. A mãe utiliza o conhecimento do seu próprio estado mental para compreender a criança. Assim a construção do sentido do “eu” subjectivo é, então, um aspecto da aquisição de

conhecimento acerca do mundo através das capacidades comunicativas pedagógicas do prestador de cuidados, que neste sentido, se centra nos pensamentos e sentimentos da criança.

A vantagem de uma vinculação segura para o desenvolvimento precoce da mentalização e para o estabelecimento mais forte de um sentido do “eu” nasce de uma predisposição das crianças para estarem mais preparadas para aprenderem com adultos com quem mantêm laços seguros (Fonagy et al., 2007).

Numa tentativa de difundir as pesquisas já efectuadas sobre a estreita relação entre a vinculação e a cognição social, estudos recentes vêm revelar o papel evolutivo das relações de vinculação, que vão muito além de fornecer protecção física à criança. À luz de uma perspectiva cartesiana, as investigações demonstram que a relação de vinculação facilita a organização apropriada dos processos cerebrais que vão subservir a cognição social e ajuda a estruturá-los para equipar o indivíduo para uma existência colaborativa e cooperante com os outros, para a qual o seu cérebro foi concebido (Fonagy, 2003, cit. por Fonagy et al., 2007). Alan Sroufe (1996) e Myron Hofer (2004), foram os investigadores-chave que expandiram a teoria da vinculação, tendencialmente focalizada na emergência do desenvolvimento de um conjunto complexo de expectativas sociais, para uma concepção mais vasta que coloca a relação de vinculação como facilitadora da organização dos mecanismos de regulação fisiológica e cerebral (Burgess, Marshall, Rubin & Fox, 2003, cit. por Fonagy et al., 2007).

Tendo em conta a afinidade entre a classificação da vinculação e o desenvolvimento cognitivo, a literatura apoia a hipótese de que as representações da vinculação podem influenciar o desenvolvimento do cérebro, ou seja, os relacionamentos de vinculação seguros promovem o crescimento cerebral e a sua evolução (Schore, 2001, cit. por Ranson & Urichuk, 2008). Partilhando o mesmo argumento, os autores (Schore & Schore, 2008), defendem que o desenvolvimento do indivíduo surge a partir de uma relação entre o

cérebro/mente/corpo, tanto da criança como do prestador de cuidados, no interior de uma cultura e meio ambiente que os apoia ou ameaça, salientando assim a ideia de que as experiências de vinculação modelam a organização inicial do cérebro. Deste modo, as primeiras dinâmicas interpessoais têm um impacto significativo nas futuras capacidades cognitivas da criança. Por exemplo, algumas investigações mostraram que crianças seguramente vinculadas demonstram ser mais evoluídas na permanência dos objectos ao longo dos estádios de desenvolvimento na infância, comparativamente com crianças vinculadas de forma insegura (Bell, 1970). Revelam também uma maior capacidade para as brincadeiras simbólicas, bem como uma crescente aptidão para resolver problemas aos dois anos de idade (Matas et al., 1978, cit. por Ranson & Urichuk, 2008). Segundo Bretherton et al., (1979), a harmonia na relação mãe-filho contribui para a emergência do pensamento simbólico (Fonagy et al., 2007). Os efeitos de uma vinculação de base-segura prognosticam em fases posteriores, um funcionamento cognitivo mais elaborado, incluindo maiores capacidades académicas, cognitivas, linguísticas e um Q.I. mais elevado (Rose et al., 1992; Van Ijzendoorn et al., 1995; Crandell & Hobson, 1999; Aviezer et al., 2002, cit. por Ranson & Urichuk, 2008).

Com base nos considerandos apresentados, concluímos que os primeiros anos alicerçam a formação do ser humano, ao nível cognitivo, afectivo e social. A relação de vinculação constitui-se assim como uma condição primordial, na medida em que é através deste processo interactivo, que o indivíduo constrói uma significação social, a qual se inicia com o nascimento e se desenvolve no decurso das primeiras experiências relacionais (Ferreira, 2004).

Posto isto, dois objectivos delinearam o presente estudo. O primeiro objectivo consistiu em analisar a qualidade da relação de vinculação das crianças às mães. O segundo objectivo centrou-se na relação existente entre a qualidade da relação de vinculação e a cognição social revelada pelas crianças da amostra.

Deste modo, pretendeu-se aprofundar a seguinte questão: - Será que existe uma relação entre a Qualidade da Vinculação das crianças às mães e a Cognição Social apresentada pelas crianças em idade pré-escolar?

## 2. Método

### 2.1. Participantes

Os participantes deste estudo integraram uma amostra constituída por 50 díades mãe/criança. No período de recolha das informações as crianças tinham idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, sendo 26 de 4 anos e 24 de 5 anos. Destas 50 crianças, 24 pertenciam ao sexo feminino e 26 ao sexo masculino.

As crianças iniciaram a frequência da Creche/Jardim de Infância entre os 3 e os 53 meses ( $M = 25,90$  meses e  $DP = 16,098$ ).

Relativamente às mães as suas idades oscilavam entre os 20 e os 41 anos ( $M = 34,88$  anos e  $DP = 4,114$ ). O nível sócio-cultural foi avaliado em função do grau de escolaridade das mães, observando-se uma média de escolaridade de 12,82 ( $DP = 4,217$ ).

### 2.2. Instrumentos

Com vista ao levantamento dos dados necessários à elaboração deste trabalho, utilizaram-se os seguintes instrumentos: o *Attachment Behaviour Q-Set - AQS* (versão 3.0, Waters, 1987), e a Bateria de Provas Sócio-Cognitivas elaborada por Strayer et al. (1994).

**2.2.1. AQS - 3.0 (Waters, 1987).** Este instrumento permitiu avaliar a representação da relação de vinculação da criança à mãe, adquirindo-se, deste modo, uma descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das continuidades e mudanças individuais no mesmo

(Veríssimo, Blicharski, Strayer & Santos, 1995). Possibilitou também, identificar grupos homogêneos de crianças que apresentavam algumas semelhanças em múltiplas facetas do comportamento social precoce, sendo assim, possível estabelecer uma comparação dos seus comportamentos com dois critérios scores: segurança e dependência.

Esta versão é constituída por 90 afirmações individuais descritivas do comportamento da criança, observado durante os momentos de interacção com a mãe. As afirmações permitiram determinar o comportamento de base segura de cada criança entre os doze meses e os cinco anos. Os 90 itens deste instrumento foram apresentados em 90 cartões, sendo depois divididos pela mãe de acordo com uma escala definida em nove critérios, tendo por base o perfil da criança e a dinâmica da relação.

A fim de se analisar os dados obtidos, utilizaram-se as Escalas de Posada e Waters (1995), derivadas do AQS. Os itens seleccionados para as diferentes escalas foram os que conceptualmente se encontravam directamente relacionados com o constructo de mãe como base segura, observados durante as visitas domiciliárias.

Estes itens incluem comportamentos cruciais para o fenómeno de base segura, comportamentos da criança em interacção com a mãe e comportamentos com outros adultos mediados pela mãe. As quatro escalas referem-se a domínios específicos do comportamento da criança avaliados pelo AQS. Estes domínios referem-se: *Interacção suave com a mãe* (contém 17 itens. Alguns dizem respeito ao estado emocional da criança quando interage com a mãe, a sua prontidão para interagir com ela. Outros dizem respeito à harmonia existente na díade); *Proximidade com a mãe* (contém 13 itens. Alguns dizem respeito ao regresso para junto da mãe, manter a noção da sua localização e manter a proximidade ou afastamento da mãe. Outros itens referem-se ao regresso da criança para próximo da mãe quando perturbada, aborrecida ou quando necessita de ajuda); *Contacto físico com a mãe* (contém 7 itens. Alguns estão relacionados com a satisfação obtida pelo contacto físico com a mãe. Enquanto que outros referem-se ao facto de a criança sentir-se

confortada ou consolada pelo prazer no contacto com a mãe); *Interações com outros adultos* (contém 13 itens. Alguns referem-se à prontidão para a interacção, partilha e prazer nas interações com adultos. Outros dizem respeito a interações com adultos através do encorajamento e apoio da mãe).

**2.2.2. Bateria de Provas Sócio-Cognitivas (Strayer, Gravel, Pagé, & Biazutti, 1994).** Com este instrumento pretendia-se analisar o pensamento social das crianças (Strayer et al., 1994), tendo em conta as seguintes séries de provas: *Descentração Social e Compreensão Pró-Social*. A série *Descentração Social*, elaborada por Lefevbre – Pinard e Lamarche (1980, cit. por Strayer et al., 1994) foi utilizada com o objectivo de avaliar a descentração cognitiva e afectiva da criança, e comporta duas provas: “Escolha de um presente” e a “Escolha de um rosto (A e B)”.

A primeira prova compreende originalmente três histórias. No entanto, para este estudo foram utilizadas apenas duas dessas histórias cujo objectivo, consistia em avaliar a capacidade da criança perceber o ponto de vista cognitivo do outro. Para cada uma das histórias, foi apresentado ao sujeito um cartão ilustrando um menino(a) que sofre de um handicap (nos seus membros superiores ou inferiores), sendo-lhe contada uma história acerca do mesmo. De seguida, foram-lhe apresentados três cartões que ilustravam brinquedos para oferecer à criança doente, tendo em conta o seu handicap. Uma vez efectuada a sua escolha, foi solicitado ao sujeito que a justificasse.

Quanto à segunda prova, é constituída na sua versão original por quatro histórias, mas reportando aos objectivos do presente estudo, foram somente utilizadas duas dessas histórias: “o presente” e “a praia”. Estas mediam a capacidade da criança em perceber o outro do ponto de vista afectivo. Para cada uma destas situações, com base na respectiva ilustração contaram-se duas histórias, uma com uma consequência positiva (A) e a outra com uma consequência negativa (B). Em seguida, foi pedido ao sujeito que seleccionasse,

para cada história, um dos três rostos apresentados: a sorrir, a chorar e neutro, e que melhor representasse o que o(a) menino(a) da história relatada sentia. Após o sujeito ter realizado a sua escolha, foi-lhe pedido que a justificasse.

A série *Compreensão Pró-Social* resulta de uma adaptação efectuada por Strayer et al. (1989), da prova de Eisenberg (1979), citados por Strayer et al. (1994). Esta prova permite avaliar a predisposição do sujeito para agir ou não de forma pró-social face a uma criança em situação problemática, procurando analisar a compreensão que este faz das necessidades do outro, e não apenas a sua atitude. Para este estudo utilizaram-se três histórias: “Piquenique”, “Jardim de Infância” e “Festa”, no entanto, originalmente esta prova engloba quatro histórias. Após ter sido contada à criança uma história com suporte nas ilustrações, esta teve de escolher um possível final de carácter pró-social ou egoísta para a história. Efectuada e justificada a sua escolha, o sujeito foi, seguidamente, confrontado com a consequência da sua resposta. Por último foi dada a oportunidade de manter ou alterar a sua resposta, mas teria sempre de a justificar.

É importante salientar que as ilustrações e as personagens, utilizadas nas diferentes histórias, estavam adaptadas ao género do sujeito. Ou seja, tratando-se de um sujeito do sexo masculino, as personagens das histórias e as figuras impressas nos cartões eram rapazes, no caso de o sujeito ser do sexo feminino, as personagens eram raparigas.

### 2.3. Procedimento

O procedimento de recolha de dados foi realizado em duas fases:

**2.3.1. Fase I – Aplicação do AQS – versão 3.0 (Waters, 1987) às mães.** O AQS foi administrado individualmente às mães durante as visitas domiciliárias com o investigador sempre presente, explicando o seu funcionamento e esclarecendo as dúvidas que surgiam. A duração média de cada questionário foi aproximadamente de 50 minutos. Inicialmente, foi realizada uma pequena entrevista à mãe com o propósito de caracterizar o contexto

familiar. As instruções fornecidas foram semelhantes para todas as mães, com especial cuidado para que todas compreendessem os objectivos e instruções transmitidas, bem como, tivessem um período de tempo útil para se familiarizarem com o instrumento.

**2.3.2. Fase II – Bateria de Provas Sócio-Cognitivas (Strayer et al., 1994).** As provas foram aplicadas em duas sessões distintas, onde apenas esteve presente o investigador e a criança. Durante o período de administração destas provas, evidenciou-se o aspecto lúdico das mesmas, sendo solicitada a ajuda da criança para as concretizar. Na primeira sessão realizaram-se as seguintes provas: “Escolha de um rosto (A e B)”, “Escolha de um presente” e “Emoções (A e B/Outono)”. Na segunda sessão efectuaram-se as seguintes provas: “Escolha de um rosto (A e B)”, “Piquenique”, “Jardim de Infância” e “Festa”.

A cotação das respostas dos sujeitos foi executada por dois experimentadores, com o propósito de se obter conformidade entre ambos, e assim conseguir uma cotação mais fidedigna dos dados.

### 3. Resultados

A análise dos resultados foi realizada em duas fases. Num primeiro momento, incidiu sobre a Qualidade da Relação de Vinculação das crianças às mães, e num segundo momento averiguou a relação entre a Qualidade da Vinculação e a Cognição Social das crianças constituintes da amostra.

#### **3.1.Fase I – Qualidade da Relação de Vinculação à Mãe.**

Inicialmente, procurou-se verificar, ao nível da amostra, a existência da noção de base segura na relação diádica (mãe-criança). Tendo em conta os argumentos de Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., et al. (1995), e utilizando o

mesmo procedimento, considerou-se o princípio de base segura como um fenómeno universal e independente de grupos sócio-culturais.

Tomando como referência os valores de critérios respeitantes à criança ideal (Waters, 1995), correlacionou-se o score de Segurança obtido através da aplicação dos AQS aos participantes, com o valor critério da criança definida teoricamente como segura. Tal correlação propunha obter os valores de critérios destas crianças no constructo em causa (Posada, Waters, Crowell & Lay, 1995).

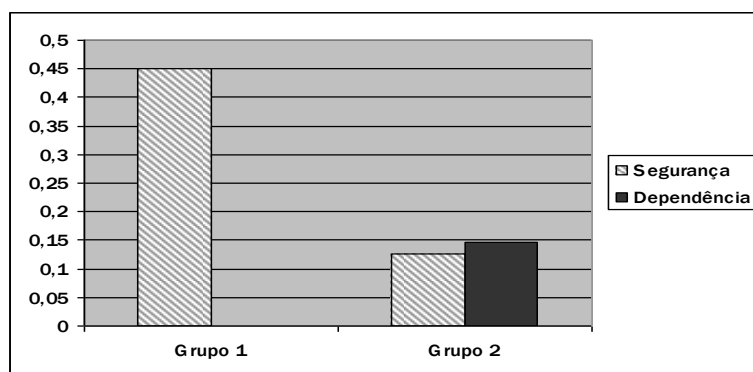
A análise da figura 1, focando somente o score de Segurança, mostra as percepções das mães quanto à relação estabelecida com as crianças. Quando comparados os valores obtidos por estas últimas, através dos AQS, com os valores critério da criança tida idealmente como segura, os resultados revelam que a criança utiliza a mãe como uma base segura. Este fenómeno encontra-se presente na amostra em estudo.

Em seguida, por meio de uma Análise de Variância, pretendeu-se investigar a presença de diferenças significativas para os critérios scores de Segurança e Dependência em função do género e idade das crianças em estudo. Tal procedimento estatístico, revelou a não existência de diferenças significativas nas variáveis mencionadas. Utilizando a mesma metodologia estatística, verificou-se que também não foram encontradas diferenças significativas quando se avaliou os resultados obtidos nas quatro escalas derivadas do AQS – elaboradas por Posada e Waters (1995) – quanto às variáveis género e idade das crianças constituintes da nossa amostra.

**3.1.1. Classificação dos sujeitos nos critérios scores de Segurança e Dependência com base nas representações maternas.** Após uma análise global da amostra, realizou-se uma classificação dos participantes nas dimensões da Segurança e Dependência, com base nas percepções maternas. Deste modo, utilizou-se um procedimento estatístico através de uma análise multivariada - a Análise Hierárquica de *Clusters* - que permitiu avaliar e identificar a

diversidade comportamental presente na amostra e distinguir grupos de crianças com comportamentos semelhantes. Esta técnica facilitou, assim, a divisão da amostra em grupos, proporcionando uma análise incisiva dos mesmos, nas dimensões reflectidas nos itens do AQS e sintetizadas nos valores de critério de Segurança e Dependência (Strayer, Veríssimo, Vaughn & Howe, 1995). Como resultado obtiveram-se dois grupos de crianças: O grupo 1, constituído por 36 crianças, é descrito pelas mães como tendo uma vinculação segura. O grupo 2, constituído por 14 crianças, é percebido como tendo uma vinculação insegura. As suas médias nos critérios de Segurança e Dependência podem ser analisadas na figura 1.

**Figura 1 – Média dos dois grupos nos critérios scores de Segurança e Dependência com base nas representações maternas**

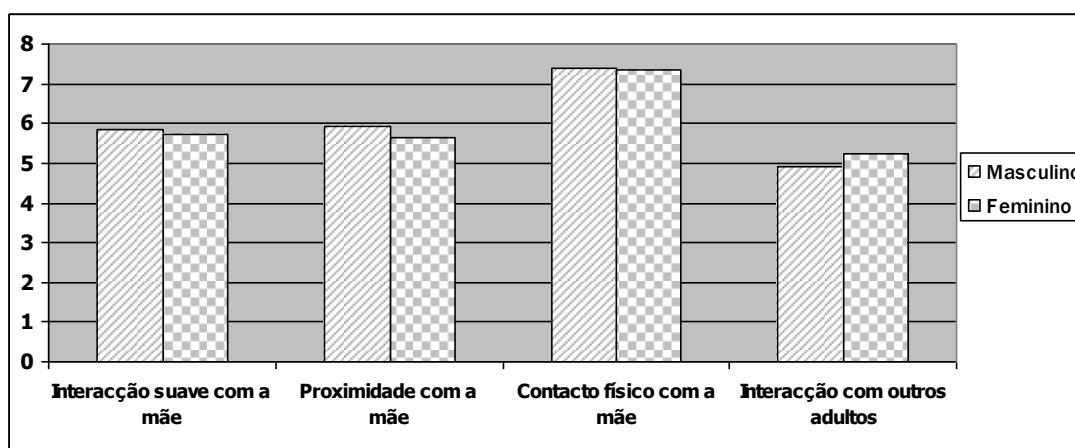


De acordo com o critério score de Segurança, verificou-se a existência de diferenças significativas ( $F(1, 49) = 103,870$ ,  $p < 0,001$ ) entre os dois grupos. Observando a figura 1, constata-se que o grupo 1 (seguramente vinculado) apresentou valores mais elevados do que o grupo 2 (inseguramente vinculado).

Quanto ao score de Dependência, também se encontraram diferenças significativas ( $F(1, 49) = 4,726$ ,  $p < 0,035$ ) entre o grupo 1 e o grupo 2, obtendo-se valores díspares entre ambos, sendo estes mais visíveis no grupo 2.

**3.1.2. Análise das características dos dois grupos identificados tendo em conta as Escalas de Posada e Waters (1995).** Através de uma Análise de Variância, avaliaram-se as características dos dois grupos identificados pelas mães de acordo com as escalas definidas por Posada e Waters. (1995).

**Figura 2 – Médias dos dois grupos nas Escalas de Posada e Waters (1995)**



Analisando e comparando os dois grupos, verificou-se que o grupo 1 (seguramente vinculado) apresentou sempre valores superiores relativamente ao grupo 2 (inseguramente vinculado), embora estas diferenças nem sempre se apresentem como significativas em algumas escalas.

Os valores obtidos para ambos os grupos são significativamente diferentes ( $p < 0,05$ ), excepto na escala *Proximidade com a mãe*. A escala *Interacção suave com a mãe* foi a que apresentou uma maior discrepância aquando a comparação dos valores entre ambos os grupos, uma vez que o grupo 1 apresentou valores significativamente mais elevados.

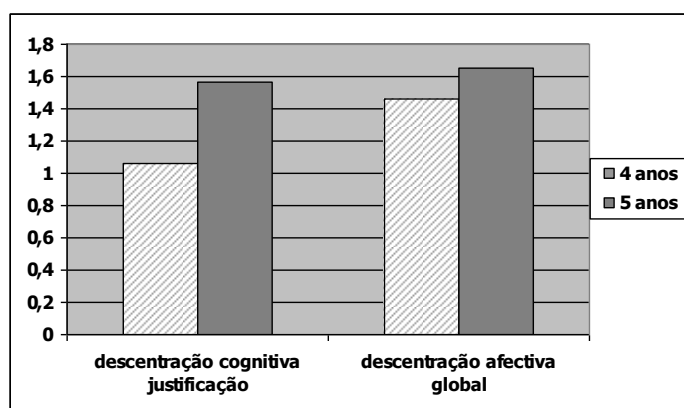
Comparando as escalas entre si, verificou-se que a escala *Contacto físico com a mãe* foi a que registou valores mais elevados nos dois grupos.

Restringindo a análise da Figura 2 somente aos dados obtidos pelo grupo 1, e ignorando a escala *Contacto físico com a mãe*, verificou-se que este grupo obteve valores mais elevados na escala *Interacção suave com a mãe*. Relativamente ao grupo 2, foi na escala *Proximidade com a mãe* que se destacou, quando comparado com as restantes escalas. Na escala *Interacção com outros adultos*, ambos os grupos apresentaram valores mais baixos. Se subtrairmos esta escala, o grupo 1 apresenta valores inferiores na escala *Proximidade com a mãe*, enquanto que o grupo 2 apresenta valores mais baixos na escala *Interacção suave com a mãe*.

### 3.2.Fase II – Qualidade da Vinculação e Cognição Social.

Considerou-se importante para este estudo verificar a existência de diferenças significativas nas dimensões da cognição Social, especificamente a Descentração Cognitiva e a Descentração Afectiva. Esta análise efectuou-se relativamente à idade e ao género das crianças da nossa amostra.

Figura 3 – Médias da Cognição Social em função da idade



Com base na análise da figura 3, observaram-se diferenças significativas entre as crianças de quatro e cinco anos, uma vez que as últimas apresentaram valores mais elevados em ambas as dimensões referidas anteriormente.

Quanto ao gênero das crianças participantes, não se observaram diferenças significativas entre as crianças do sexo masculino e feminino, ao nível da variável Cognição Social.

*3.2.1. Correlação entre os critérios scores de Segurança e Dependência com base nas representações maternas e as dimensões da Cognição Social.* Decidiu-se correlacionar os valores obtidos pelos scores de Segurança e Dependência, entre a mãe e a criança, e os valores obtidos pelas crianças nas provas Compreensão Pró-Social e Descentração Afectiva e Cognitiva.

Através do Coeficiente de Correlação de Pearson, constatou-se que o critério score de Segurança se encontrava significativamente correlacionado com a Descentração Cognitiva ao nível da medida global ( $R = 0,460$ ,  $p < 0,05$ ), bem como ao nível da justificação ( $R = 0,433$ ,  $p < 0,05$ ). Deste modo, as crianças percebidas pelas mães como seguras apresentavam valores mais elevados nesta dimensão da Cognição Social, demonstrando assim competência na justificação das suas respostas. Nas restantes dimensões (Compreensão Pró-Social e Descentração Afectiva) não se verificou qualquer correlação com o score de Segurança ( $p > 0,05$ ), quer ao nível da medida global, resposta ou justificação.

No tocante ao score de Dependência não se verificou uma correlação ( $p > 0,05$ ) relativamente a qualquer dimensão da Cognição Social, quer ao nível da medida global, resposta ou justificação.

**3.2.2. Correlação entre as Escalas de Posada e Waters (1995) e as dimensões da Cognição Social.** Efectuou-se uma Correlação de Pearson entre as Escalas de Posada e Waters (1995) e as variáveis da Cognição Social. Com esta correlação, observou-se que a escala respeitante à *Proximidade com a mãe* se encontrava correlacionada com a *Compreensão Pró-Social* ( $R = -0,288$ ,  $p < 0,042$ ). Assim, quanto maior a proximidade que a criança tem com a sua mãe, menores os valores da *Compreensão Pró-Social*.

Nas restantes escalas e provas não se registou qualquer correlação.

**3.2.3. Análise das dimensões da variável Cognição Social com base nas representações maternas sobre a Qualidade da Vinculação.** Decidiu-se também apurar, através de uma Análise de Variância, a presença de diferenças significativas nos dois grupos, descritos pelas mães como seguro e inseguro, nas diferentes dimensões da Cognição Social: *Descentração Cognitiva*, *Afectiva* e *Compreensão Pró-Social*. O procedimento estatístico referido, revelou a inexistência de diferenças significativas nas diferentes provas sócio-cognitivas, entre ambos os grupos.

#### 4. Discussão

O presente estudo teve como objectivo analisar a relação entre a Qualidade da Vinculação, em crianças de idade pré-escolar, às respectivas mães, e a Cognição Social revelada pela mesma amostra. Considerando o objectivo referido, efectuaram-se várias análises tanto a nível global da amostra como a nível dos dois grupos de crianças identificados.

Na relação de vinculação, a criança tende a utilizar a sua figura vinculativa, tanto como suporte para a sua exploração activa do meio envolvente, experimentando o

desconhecido, como uma fonte securizante para a qual pode sempre regressar quando se encontra numa situação de stress. Esta situação, de acordo com Bowlby e Ainsworth, designa-se de fenómeno de base segura, o qual reflecte o funcionamento do sistema de controlo da vinculação ao longo do tempo. Por sua vez, este fenómeno constitui um marco para a relação de vinculação entre a criança e a sua figura vinculativa, caracterizando-se como um fenómeno universal, presente em todos os contextos sócio-culturais (Posada, Gao, Wu, Posada, Tascon, Schoelmerich et al., 1995). Este conceito foi confirmado nas díades presentes na amostra.

Os resultados obtidos neste estudo suportam estudos prévios que afirmam que as primeiras experiências sociais moldam o curso do desenvolvimento da personalidade da criança, determinando as suas características futuras. Estas relações têm sido apontadas como a base para a estrutura da cognição social, na medida em que a segurança afectiva desempenha um papel fulcral no desenvolvimento da compreensão que a criança adquire do seu mundo social (Schaffer, 1996).

Reflectindo sobre os resultados, verificou-se que relativamente aos critérios scores de Segurança e Dependência, não se observaram diferenças significativas quanto às variáveis género e idade. Durante o segundo e a maior parte do terceiro anos de vida, os comportamentos de vinculação apresentam-se mais evidentes, tornando-se progressivamente menos activos devido a um maior desenvolvimento sócio-cognitivo por parte da criança (Oliveira, 2003). Esta maior afluência dos comportamentos vinculativos deve-se ao facto do fenómeno de base segura se mostrar central na organização dos comportamentos e atitudes da criança nos primeiros anos de vida (Bowlby, 1990).

Contrariamente a esta fase de desenvolvimento, na idade pré-escolar surgem comportamentos mais autónomos e menos dependentes do seio familiar, o que pode estar associado ao estabelecimento de novas relações sociais. Os resultados obtidos neste estudo, relativamente aos scores de Dependência e Segurança, confirmam o acima citado

uma vez que as crianças pertencentes à nossa amostra estão inseridas na idade pré-escolar. Não seria, portanto, de esperar diferenças notórias entre ambas as idades. Quanto à variável género, a inexistência de diferenças significativas pode ser devido ao facto de esta variável constituir uma característica tão intrínseca à criança que, por si só, não poderia influenciar os scores da Dependência e Segurança, presentes numa relação de vinculação. Contudo, esta variável quando interligada com outras, nomeadamente a tendência das mães para encorajar e falar mais frequentemente sobre sentimentos com as raparigas do que com os rapazes (Schaffer, 1996), pode surtir um efeito mais significativo, pois este discurso sobre estados mentais torna-se mais espontâneo. A literatura sugere que os pais e as mães envolvem-se em interações muito diferentes com os seus filhos, socializando com estes de modo bastante diverso. Deste modo, os filhos e as filhas vinculam de forma diferente com as mães e os pais, com resultados consequentes discordantes numa variedade de domínios (Ranson & Urichuk, 2008).

À semelhança do que sucedeu na análise descrita anteriormente, também não se encontraram diferenças significativas ao nível da idade e do género dos participantes da amostra em estudo, relativamente às escalas de Posada e Waters. Tal evidência pode ser justificada tendo em conta as mesmas razões mencionadas quanto aos critérios scores de Segurança e Dependência.

Através de uma Análise Hierárquica de *Clusters* foram identificados dois grupos de crianças: grupo 1 – crianças seguramente vinculadas e grupo 2 – crianças inseguramente vinculadas.

No que se refere ao score de Segurança, as crianças descritas pelas mães como tendo uma vinculação segura apresentaram valores significativamente superiores, relativamente às crianças descritas como tendo uma vinculação insegura. O termo de vinculação, abordado por Bowlby, está inerente ao processo de formação de uma base segura, o qual está intrinsecamente relacionado com a qualidade das interações sociais

geradas na díade, concretamente a responsividade, sensibilidade e disponibilidade demonstrada pela mãe na resposta aos sinais emitidos pelo seu filho (Waters e Cummings, 2000). As díades que reúnem todas estas características potenciam uma relação de vinculação segura, o que vem justificar a diferença nos resultados da nossa amostra. No que se refere ao score de Dependência, as crianças descritas pelas suas mães como tendo uma vinculação insegura apresentaram valores significativamente superiores, relativamente às crianças descritas como tendo uma vinculação segura. Uma possível justificação baseia-se no facto de ser desejável, do ponto de vista evolutivo, que uma vinculação segura proporcione à criança uma maior dependência à sua figura referente, principalmente nos primeiros anos de vida, por esta ser capaz de responder aos seus sinais e orientá-la na regulação do seu comportamento. Contudo, assiste-se progressivamente a um declínio deste sentimento uma vez que a relação descrita anteriormente promove a representação do seu comportamento, bem como o comportamento da figura vinculativa, adquirindo a criança uma maior competência para se auto-regular e, por sua vez, se tornar mais autónoma. Relativamente ao facto do grupo 2 ter apresentado valores mais elevados no score de Dependência do que no score de Segurança, estes podem ser explicados se pensarmos que as crianças com uma vinculação insegura não partilham um comportamento de base segura com o prestador de cuidados, o que não permite a emergência e construção da sua autonomia.

Analisando a relação entre as escalas de Posada e Waters e os dois grupos derivados da nossa amostra, verificou-se que existiam diferenças significativas. Constatou-se assim que o grupo 1, caracterizado com uma vinculação segura, obteve um maior destaque nas escalas: *Interacção Suave com a mãe*, *Contacto físico com a mãe* e *Interacção com outros adultos*. Os comportamentos subjacentes a estas escalas demonstram uma correlação significativa com o score de Segurança e remetem para interacções diádicas que privilegiam uma relação harmoniosa, sincrónica, afectuosa e

disponível, sugerindo uma vinculação reciprocamente satisfatória, o que caracteriza a existência de uma organização segura dos comportamentos. Tal como defendem De Wolff e Van Ijzendoorn (1997), a reciprocidade, sensibilidade, sincronia, estímulo, atitude positiva e apoio emotivo, contribuem invariavelmente para o estabelecimento de um laço vincutivo seguro entre a criança e a mãe, tornando-se esta uma base segura a partir da qual a criança pode explorar (Ainsworth, 1978, cit. por Ranson & Urichuk, 2008). Estas características estão intrinsecamente implícitas numa vinculação segura, o que se reflecte na escala *Interação Suave com a mãe*. Abordando somente a escala *Contacto físico com a mãe*, os resultados obtidos são congruentes com o que foi referido por Posada, Waters, Crowell e Lay (1995) quando estes argumentaram que as crianças com vinculações seguras são geralmente julgadas como apreciadoras de contacto físico com a figura vinculativa, obtendo um maior consolo com este contacto do que as crianças com uma vinculação insegura.

O comportamento na relação de vinculação possibilita a proximidade e a protecção da criança em situações de perigo pela sua figura materna. Uma vez vinculadas, as crianças utilizam a sua base segura desenvolvendo um sentimento de auto-confiança e auto-regulação do seu comportamento para explorar o meio circundante, investindo assim na sua própria autonomia (Bowlby, cit. por Bretherton, 1992). Estas crianças, seguramente vinculadas, uma vez que experienciaram nas suas primeiras relações sociais interações harmoniosas e estimulantes, revelam uma maior predisposição para estabelecer um contacto com outras pessoas que não lhes sejam familiares, desenvolvendo expectativas positivas face às relações interpessoais, o que vai ao encontro dos resultados obtidos na amostra em estudo.

Também característico do fenómeno de base segura é o regressar para junto da mãe como o seu porto de abrigo e o seu refúgio, mantendo simultaneamente uma relação de proximidade e afastamento, podendo escolher por ficar mais perto ou afastar-se para

explorar o meio, desde que tenha noção da sua localização. Quer as crianças seguras ou inseguramente vinculadas necessitam de estar próximas da sua figura de referência, contudo numa vinculação segura, as mães conseguem responder aos sinais dos seus filhos de uma forma mais contentora do que numa vinculação insegura. Por esta razão, não se observaram diferenças significativas na escala *Proximidade com a mãe*. Segundo Posada, Waters, Crowell e Lay (1995), esta conclusão foi ao encontro dos resultados obtidos no relatório de Fonagy, Steel e Steel's (1991) e no estudo efectuado por Vaughn e Waters (1990).

Analisando a segunda variável deste estudo, Cognição Social, os resultados obtidos no que concerne à relação entre as dimensões da Cognição Social e as variáveis idade e género, evidenciaram o seguinte. Ao nível da idade, registou-se a presença de diferenças significativas, uma vez que as crianças de cinco anos apresentaram valores superiores relativamente às crianças de quatro anos. Tal sucedeu quanto à Descentração Cognitiva justificativa, onde se procurou avaliar a capacidade dos sujeitos perceberem o ponto de vista cognitivo do outro, justificando a sua resposta em função das suas necessidades, e quanto à Descentração Afectiva global, onde se procurou analisar a capacidade dos sujeitos compreenderem o ponto de vista emocional do outro. Segundo Schaffer (1996), a descentração cognitiva pode surgir mais precocemente, por volta do segundo ano de vida, relativamente à descentração afectiva que só emerge alguns anos mais tarde. As crianças de quatro anos quando confrontadas com dilemas sociais e morais, como apresentados nas nossas provas, revelaram alguma competência ao responderem adequadamente à situação. Contudo, demonstraram alguma dificuldade em justificar a resposta escolhida uma vez que não possuíam uma descentração cognitiva consolidada.

No tocante à diferenciação emocional, os resultados adquiridos podem ser sustentados de acordo com o modelo de Selman (1980, cit. por Schaffer, 1996) que afirma que as crianças evoluem gradualmente de um estágio egocêntrico, onde revelam uma

incapacidade em se colocar na perspectiva do outro impedindo a compreensão das suas necessidades, para um outro estágio no qual já reconhecem diferentes pontos de vista divergentes dos seus. Assim, o conhecimento de que os outros são indivíduos que pensam e sentem torna-se mais sofisticado e coerente com a idade, sendo capazes de perceber que cada um pode ter uma convicção diferente acerca da mesma realidade (Schaffer, 1996). Tal facto foi confirmado na amostra em estudo.

No que diz respeito à variável género, não se encontraram diferenças significativas nos resultados obtidos, quanto às dimensões da Cognição Social. Talvez outros resultados não seriam de esperar, uma vez que existem outras variáveis mais preponderantes e preditivas que exercem uma maior repercussão futura no desenvolvimento sócio-cognitivo, mais do que o facto da criança ser rapaz ou rapariga. Estas variáveis remetem, por exemplo, para um ambiente familiar estimulante, interessado e encorajador, para as características pessoais da criança como o seu temperamento, para as relações que estabelecem ao longo do seu desenvolvimento com outras figuras de referência, como os pais, e para a qualidade da relação de vinculação, entre outras variáveis.

No sentido de explorar esta última variável, remetendo para os critérios scores de Dependência e Segurança, quando associada com as dimensões da Cognição Social, procurou-se averiguar a existência de uma correlação entre ambas. Deste modo, relativamente ao score de Dependência, não se verificou uma correlação com a Descentração Cognitiva, Afectiva e a Compreensão Pró-Social, quer a nível global, da resposta ou de justificação. Quanto ao score de Segurança, verificou-se a existência de uma correlação apenas na Descentração Cognitiva, quer a nível global e de justificação, não existindo diferenças nas restantes dimensões. Assim, podemos inferir que quanto mais as crianças foram percebidas como seguras, mais elevados foram os resultados obtidos na dimensão Descentração Cognitiva global e justificação. Tal facto pode ser justificado pela presença, nos primeiros anos de vida, de uma união emocionalmente

significativa, que proporcione conforto e estabilidade e que potencie a construção de expectativas e representações positivas acerca de si e dos outros. Este contexto promove o desenvolvimento de um self digno de afecto, o que é apreendido nas primeiras relações sociais com a figura vinculativa, quando o bebé consegue prever e antecipar as intenções e os comportamentos da mãe para organizar e adaptar as suas respostas. Futuramente, estas crianças tendem a extrapolar para outras realidades e contextos o que vivenciaram na sua relação de vinculação sensível, responsiva e de aceitação, ajudando-as a compreender e identificar os pensamentos e intenções dos outros fomentando condutas socialmente adaptadas.

Remetendo ainda para a variável Cognição Social, verificou-se que existia uma correlação entre a dimensão Compreensão Pró-Social – que avalia a tendência da criança para intervir de um modo altruísta, quando confrontada com uma situação na qual outro sujeito se encontre numa circunstância problemática – e a escala *Proximidade com a mãe* de Posada e Waters (1995). Desta forma, quanto maior a proximidade da criança à sua mãe, ou seja, a necessidade que ela demonstra pela aprovação e atenção da sua figura vinculativa, menor é a compreensão pró-social que a criança desenvolve face a situações de dilema moral e social. Esta situação pode ser justificada pelo facto da criança não conseguir regular o seu próprio comportamento, demonstrando um fraco desenvolvimento da sua autonomia, uma vez que necessita da mãe para monitorizar o seu comportamento e atender as suas necessidades. Assim, da mesma forma que a criança não se consegue auto-regular, também não consegue regular o seu próprio comportamento em função dos outros, não agindo de um modo pró-social.

De acordo com Bowlby (1969/1982), o comportamento pró-social pode ser conceptualizado em termos de que o autor designou de “sistema comportamental do prestador de cuidados”, o qual foi concebido para dar protecção e apoio a quem se encontra numa posição dependente. Na perspectiva de Mikulincer e Shaver (2007), a

estratégia primordial para atingir este objectivo compreende a adopção do que Batson (1991) denominou de “atitude empática” relativamente ao sofrimento do outro dependente. Reflectindo a relação de vinculação, o objectivo do sistema de prestador de cuidados é potenciar a proximidade, que gera protecção, reduzir o sofrimento, aumentar a segurança e, assim desenvolver uma base segura. Neste sentido, Bowlby refere que durante estas interacções não só é aprendido padrões de comportamento de ajuda, como também um conjunto de memórias, crenças e expectativas acerca da efectividade ou ineficiência dos comportamentos do prestador de cuidados (Reizer & Mikulincer, 2007). Estas aptidões, que não se encontraram presentes de forma significativa na amostra, são transmitidas e aprendidas no seio de uma relação de vinculação que fomente a identificação emocional com os outros, característica de uma relação segura.

Ao contrário do que sucedeu na análise acima realizada, em que se correlacionou as dimensões da Cognição Social com as escalas de Posada e Waters, não se verificaram diferenças significativas aquando a análise efectuada entre as mesmas dimensões e os dois grupos derivados da amostra em estudo. Uma justificação possível para esta ocorrência pode ser o facto de, na análise anterior, se comparar o desenvolvimento sócio-cognitivo com comportamentos mais específicos, do que nesta última análise. Com isto, pretende-se afirmar que a análise realizada através das escalas, traduz comportamentos mais típicos e particulares da dinâmica estabelecida na díade, logo reflecte de um modo mais próprio os comportamentos vinculativos. Por sua vez, na dicotomia identificada (seguro/inseguro) este facto não é tão evidente porque esta classificação tende a rotular a díade como segura ou insegura o que vai limitar a interpretação que se faz da relação de vinculação entre a mãe e a criança, não permitindo deste modo inferir para além dessa etiquetagem. Contudo, é importante referir Mary Ainsworth, que argumenta que esta categorização remete para a relação não sendo algo inerente à própria criança, pois não

existem crianças seguras ou inseguras, mas sim relações de vinculação seguras ou inseguras a determinadas figuras.

A investigação da cognição social, numa perspectiva desenvolvimentista, é fundamental na medida em que permite analisar o desenvolvimento da criança, abrangendo um período muito abrangente do seu crescimento. Deste modo, esta abordagem permite-nos perceber como a criança, numa fase bastante precoce, exibe uma capacidade para atribuir e compreender os seus próprios estados mentais e, mais tarde, extrapolar esta competência para os demais. Este saber, entre muitas outras aptidões, facultou-nos um conhecimento mais aprofundado das capacidades intelectuais, relacionais e emocionais da criança e perceber como estas podem facilitar o acesso à compreensão do seu desenvolvimento posterior. Assim, com a realização deste estudo, espera-se ter contribuído para realçar este propósito.

Associada a estas capacidades intelectuais, relacionais e emocionais da criança, encontra-se a relação de vinculação que, por si só, não prediz o desenvolvimento sócio-cognitivo, sendo fundamental considerar outras variáveis, tais como, temperamento, práticas parentais e influência ambiental. Considerando apenas a variável temperamento, é importante ter em conta a influência dos factores geneticamente transmitidos como uma explicação que pode potencialmente elucidar a relação observada, entre a capacidade da figura vinculativa em pensar sobre os estados mentais da criança e o posterior desenvolvimento sócio-cognitivo (Meins, Fernyhough, Wainwright, Das Gupta, Fradley & Tuckey, 2002). Como tal, a pesquisa futura deveria debruçar-se sobre esta possibilidade. Segundo Schaffer (1996), alguns tipos de comportamentos parentais estão mais intimamente associados ao desenvolvimento de tendências pró-sociais por parte das crianças. Sugere-se, assim, para futuros estudos, uma investigação de carácter longitudinal que examinasse as práticas parentais e a sua influência no desenvolvimento sócio-cognitivo da criança, de forma a avaliar comportamentos mais específicos ocorridos no seio da

relação. Mais tarde, estas tendências pró-sociais verificam-se, não só no contexto familiar, como na relação com os pares. Por esta razão, é fundamental considerar a influência do ambiente social, uma vez que diversos estudos apoiam a perspectiva de que as representações de vinculação moldam as relações interpessoais ao longo da vida, no entanto, não ignoram a predominância do contexto social. Este argumento encontra consistência num estudo elaborado por Belsky e Fearon (2002), que demonstrou que uma criança com uma vinculação insegura ao experimentar cuidados sensíveis, numa fase posterior, maiores resultados positivos ao nível social, emocional, cognitivo e linguístico foram encontrados, comparativamente com crianças com relações seguras que vivenciaram cuidados intensivos subsequentes. Deste modo, apesar das interações precoces estabelecerem um curso para futuras consequências bio-psicológicas, as pesquisas indicam que as consequências podem ser alteradas através de mudanças no ambiente. Constatamos, assim, que os resultados da vinculação são um produto das interações da natureza e educação, das predisposições biológicas geneticamente codificadas do indivíduo (temperamento) e as relações diádicas precoces com o prestador de cuidados no interior de um ambiente social particular (cultura) (Ranson & Urichuk, 2008).

Considero também importante abordar, o impacto das experiências iniciais na maturação do cérebro. As investigações recentes ao expandirem a teoria da vinculação para um domínio mais fisiológico, revelaram, segundo Kohut (1971), que as transações reguladoras ocorridas na díade permitem a manutenção do equilíbrio homeostático, e têm um impacto no desenvolvimento da estrutura psíquica, isto é, geram desenvolvimento cerebral (Schoore, 1994, cit. por Schoore & Schoore, 2008). Por esta razão, dada a primazia atribuída à qualidade da relação de vinculação, julgo que seria produtivo realizar mais estudos no âmbito da educação parental, e elaborar programas de prevenção da vinculação e intervenção precoce, pretendendo, desta forma, consciencializar os pais para esta suprema necessidade, tendo em vista o desenvolvimento de uma sociedade mais

inteligente do ponto de vista emocional e conseqüentemente mais saudável. (Ranson & Urichuk, 2008).

De acordo com Higgins e Parsons (1983, cit. por Schaffer, 1996), determinadas alterações na vida social da criança, como o ingresso na escola ou a entrada no 1º ciclo, modificam o modo como os outros são pensados. Com a entrada na escola ocorrem significativas transformações sócio-cognitivas, pois a criança desenvolve uma nova forma de pensar, vai distanciar-se de situações concretas e vai conseguir estruturar um raciocínio mais abstracto. Isto significa, que a diversidade de experiências implica adaptações e reformulações sucessivas na forma de representar, de enfrentar e de participar nas experiências com o mundo (Matta, 2001). Tendo em conta que a amostra em estudo englobava crianças de cinco anos, seria pertinente estudar esta idade em contextos diferentes. Sugere-se, portanto, a realização de um estudo que analise o desenvolvimento sócio-cognitivo entre crianças de cinco anos no contexto de jardim de infância e no contexto de 1º ano do Ensino Básico.

Em suma, o desenvolvimento é o resultado de um jogo complexo entre factores de ordem biológica e ambiental. A experiência social precoce, adquirida e assimilada no seio de uma relação de vinculação, deve ser vista como um estímulo para o desenvolvimento posterior das capacidades sócio-cognitivas da criança, ou seja, como é que esta evolui e organiza os seus conhecimentos sobre o mundo, como se apropria e reconstrói percepções acerca da realidade envolvente. A relação de vinculação apresenta-se, assim, como crucial para a evolução harmoniosa de um processo de desenvolvimento.

#### Referências Bibliográficas

- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.

- Ferreira, M. J. (2004). *Relação entre a qualidade da vinculação da mãe e à educadora e a cognição social das crianças em idade pré-escolar*. Tese de mestrado não publicada em psicologia educacional, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Flavell, J.H., & Miller, P.H. (1998). Social cognition. In W. Damon (Séries Ed.) & D. Kuth and R.S.S. Siegler (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol.2*. (5<sup>th</sup> Ed., pp. 851-887). New York: Willey and Sons.
- Fonagy, P., Gergely, G., & Target, M. (2007). The parent-infant dyad and the construction of the subjective self. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48, 288-328.
- Jenkins, J. M., & Astington, J. W. (1996). Cognitive factors and family structure associated with theory of mind development in young children. *Developmental Psychology*, 32, 70-78.
- Matta, I. (2001). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Meins, E., Fernyhough, C., Wainwright, R., Das Gupta, M., Fradley, E., & Tuckey, M. (2002). Maternal mind-mindedness and attachment security as predictors of theory of mind understanding. *Child Development*, 73, 1715-1726.
- Oliveira, C. (2003). *Qualidade da Relação de Vinculação e Ansiedade Materna de Separação*. Tese de mestrado não publicada em psicologia educacional, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A. et al., (1995). The secure base phenomenon across cultures: Children's behaviour, mother's preferences and experts concepts. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Constructs, cultures and caregiving: New growing points in attachment theory and research*. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 27-47.

- Posada, G., Waters, E., Crowell, J., A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of the adult attachment interview. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 133-145.
- Ranson, E. K., & Urichuk, J. L. (2008). The effect of parent-child attachment relationships on child biopsychosocial outcomes: A review. *Early Child Development and Care*, 178, 129-152.
- Reizer, A., & Mikulincer, M. (2007). Assessing individual differences in working models of caregiving. *Journal of Individual Differences*, 28, 227-239.
- Schaffer, H. R. (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Strayer, F., Gravel, F., Pagé, P., & Biazutti, H. (1994). *Manuel d'évaluation de la pensée du jeune enfant*. Laboratoire d'ethologie humaine. Département de psychologie. Université du Québec.
- Strayer, F., Veríssimo, M., Vaughn, B., & Howes, C. (1995). A quantitative approach to the description and classification of primary social relationships. In Waters, Vaughn, Posada, & Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 49-70.
- Symons, D. K. (2004). Mental state discourse, theory of mind, and the internalization of self-other understanding. *Developmental Review*, 24, 159-188.
- Symons, D. K., & Clark, S. E. (2000). A longitudinal study of mother-child relationships and theory of mind in the preschool period. *Social Development*, 9, 3-20.
- Schore, R. J., & Schore, N. A. (2008). Modern attachment theory: The central role of affect regulation in development and treatment. *Clinical Social Work Journal*, 36, 9-20.

- Thompson, R. A. (1998). Early sociopersonality development. In: W. Damon & N. Eisenberg (eds.), *Handbooks of Child Psychology: Vol. 3. Social, emotional and personality development*, (5th ed.), (pp.25-104). New York: John Wiley & Sons.
- Veríssimo, M., Blicharski, T., Strayer, F. F., & Santos, A. J. (1995). Vinculação e estilos de comunicação na criança. *Análise Psicológica*, 1-2 (XIII), 145-155.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B., & Santos, A. J. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 4 (XXI), 419-430.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-Set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada, & Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 234-246.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.